AS SUCESSIVAS CRISES NO SISTEMA CAPITALISTA MUNDIAL CONTEMPORÂNEO: visões críticas acerca dos mecanismos de sobrevivência do capitalismo

SUCCESSIVE CRISES IN THE CONTEMPORARY WORLD CAPITALIST SYSTEM: critical views on the survival mechanisms of capitalism

MOTTA, Ana Carolina de Gouvêa Dantas[1]

Resumo: O presente artigo trata da temática acerca do surgimento e do funcionamento do sistema mundial capitalista que dirige o comportamento dos Estados na escalada da competição interestatal. A pesquisa de viés analítico e comparativo, a partir de três autores da política internacional José Luís Fiori, Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi, busca identificar semelhanças e divergências teóricas entre as abordagens críticas, a fim de entender melhor os efeitos da hegemonia e da lógica do sistema interestatal contemporâneo.

Palavras-Chave: Sistema interestatal; Hegemonia; Capitalismo.

Abstract: This article deals with the emergence and functioning of the capitalist world system that drives the behavior of states in the escalation of interstate competition. In order to clarify the effects of hegemony and the logic of the contemporary interstate system, this analytical and comparative research, counts on José Luís Fiori, Immanuel Wallerstein and Giovanni Arrighi, authors of the international policy. The aim is to identify similarities and theoretical differences between those critical approaches.

Keywords: Interstate system; Hegemony; Capitalism.

1. INTRODUÇÃO

Em face das sucessivas crises econômicas mundiais deste último quarto do século XX e seus impactos na sociedade, urge questionamentos acerca das causas dessas crises e se seria possível prevê-las. Análises de conjuntura internacional têm apontado para hipóteses divergentes, bem como drásticas: se essas crises significariam o fim do poder americano, ou ainda, o fim do regime capitalista em si.

Este artigo fundamenta-se essencialmente na teoria do "universo em expansão" e na

[1] Doutora em Engenharia de Produção; Professora da USU.

tese da “explosão expansiva”, de José Luis Fiori, em contraste com a teoria dos “ciclos hegemônicos”, de Giovanni Arrighi e a tese da “crise terminal”, de Immanuel Wallerstein.

A referência central deste estudo é a perspectiva do sistema mundial como “um ‘universo em expansão’ contínua, onde as potências que disputam o ‘poder global’ estão sempre criando ordem e desordem, expansão e crise, paz e guerra”. Portanto, Fiori afirma que “desordem, crise e guerra não são, necessariamente, um anúncio do ‘fim’ ou do ‘colapso’ dos países das economias envolvidas”. Mas, pelo contrário, esses movimentos “fazem parte de uma transformação de longo prazo, que está aumentando a ‘pressão competitiva’ dentro do sistema mundial e provocando uma nova ‘corrida imperialista’ entre as grandes potências (FIORI: 2008, p.8).

Essa tese do sistema mundial como “universo em expansão” foi desenvolvida por José Luis Fiori, publicada, em 2008, no livro “O mito do colapso do poder americano”, no capítulo intitulado “O sistema interestatal capitalista, no início do século XXI”.

2. O CAPITALISMO JÁ NÃO É MAIS O MESMO

2.1 As mudanças de paradigmas

Na década de 1990, o sistema mundial havia passado por transformações geopolíticas e econômicas tão profundas, levando a crer que aquela conjuntura fosse perdurar. Destaca-se dentre os acontecimentos do ponto de vista geopolítico, a ruína da União Soviética, o fim da Guerra Fria e a reunificação da Alemanha, somados à hegemonia e ampla disseminação das idéias e políticas neoliberais no campo econômico, acarretando na projeção de maneira extraordinária do poderio americano em escala global (FIORI: 2008, p.7).

No entanto, contrariando diversos analistas, o poder americano, mesmo depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, continuou aumentando. No entanto, com o foco cada vez mais direcionado para a guerra contra o “terrorismo internacional” (FIORI: 2008, p.7).

A supremacia do poder mundial dos Estados Unidos começou a ser cada vez mais questionado, principalmente, após o fracasso de sua ocupação no Iraque, o fortalecimento da Rússia e a expansão da China e, por fim, a recente crise hipotecária e o novo choque do preço do petróleo (FIORI, 2008: p.8).

Recorrer às teorias desses autores, mesmo que divergentes em determinados pontos, proporciona ao pesquisador bases mais sólidas para esclarecer alguns traços das relações de poder nos bastidores, onde são tomadas as decisões estratégicas mundiais e o distanciamento necessário para melhor refletir e compreender a magnitude dessa mola mestre que move a sociedade.

2.2 O Longo século XX por Giovanni Arrighi

As transformações pelas quais o sistema mundial passou, nas últimas décadas do século XX, ora eram consideradas como crise, ora como mera reestruturação e reorganização. A diferença entre essas possibilidades é significativa e compreender melhor essas transformações é essencial para entendermos esse momento decisivo que estamos atravessando.

Esse panorama em que vivemos em nossa história econômica recente, com longos períodos de crise, reestruturação e reorganização, cujo mecanismo é denominado pelo autor como "mudanças com descontinuidade" não é um fenômeno típico apenas contemporâneo; mas tem sido bastante recorrente na história da economia capitalista mundial, muito mais do que os breves momentos de bonança e expansão generalizada (ARRIGHI, 1996, p.1).

Nesses reincidentes e longos períodos de "mudanças com descontinuidade" ocorriam reorganizações da economia capitalista mundial sobre bases novas e mais amplas. O propósito de Arrighi, nesta obra, é identificar as condições sistêmicas em que uma reorganização desse tipo pode ocorrer e, caso ocorra, como ela pode se dar. O autor chama especial atenção para as mudanças, que a partir da década de 1970, incidem no modo como funciona o capitalismo, em termos locais e globais (ARRIGHI, 1996, p.1).

Há controvérsias sobre a exata natureza dessas mudanças. No entanto, o autor compreende que essas mudanças estejam na configuração espacial dos processos de acumulação de capital. Seja qual for a direção do movimento, de regiões de alta renda para os de baixa renda, como o ocorrido em 1970, e o deslocamento inverso, observado na década seguinte, constata-se que desde a década de 1970 tem havido o aumento da mobilidade geográfica de capital (ARRIGHI, 1996: p.1).

Esse fato está estreitamente associado a mudanças na organização dos "processos de produção e de troca" e sinalizou para uma possível crise da produção em massa de tipo "fordista", aquela "baseada em sistemas de máquinas especializadas, operando no interior de empresas gigantescas, com integração vertical e administração burocrática" (ARRIGHI, 1996: p.1).

Com a crise da produção de tipo "fordista", surgiram oportunidades singulares para o ressurgimento de sistema de "especialização flexível", "baseados na produção artesanal de pequenos lotes, executada em unidades empresariais de pequeno e médio portes, e coordenada por processos de troca através do mercado, conforme as obras de Piore e Sable; Sable e Zeitlin; Hirst e Zeitlin apud Arrighi (1996, p.2).

Ainda houve aqueles que se concentraram especialmente na regulamentação das

atividades geradoras de renda e constataram que da mesma forma em que crescia a "formalização" da vida econômica, ou seja, "a proliferação de restrições legais sobre organização dos processos de produção e troca"; contudo, havia uma tendência oposta para a "informalização", ou seja, "a proliferação de atividades geradoras de renda que contornam a regulamentação legal através deste ou daquele tipo de formação de empresas 'pessoais' ou 'familiares'", em Lomnitz; Portes, Castells e Benton; Feige; Portes apud Arrighi (1996: p.2).

O autor ainda menciona as interpretações acerca do tema pela "escola de regulação" francesa que consideram as mudanças no modo de funcionamento atual do capitalismo seja uma crise estrutural do "regime de acumulação" fordista-keynesiano. Esse regime é caracterizado por "investimentos em capital fixo que criam uma capacidade potencial para aumentos regulares de produtividade e do consumo em massa. Para que esse potencial se realize, são necessárias uma política e uma ação governamentais adequadas, bem como instituições sociais, normas e hábitos comportamentais apropriados". Para esses autores, o "keynesianismo" permitiu a realização do potencial máximo do regime fordista, este considerado a causa fundamental da crise na década de 1970. Se por um lado afirmam que o regime fordista-keynesiano foi a grande causa dessa crise, por outro lado, os "regulacionistas" são agnósticos quando se trata de prever qual será o sucessor deste regime, nem sequer estariam seguros de se um dia haverá "outro regime de acumulação com um modo apropriado de regulação" (ARRIGHI, 1996: p.2).

Analogamente, porém com arcabouço conceitual diferente, Clauss Offe, Scott Lash e John Urry instituíram que haveria um "capitalismo organizado", que estaria ameaçado por uma "desconcentração e descentralização crescentes dos poderes das corporações, tanto no plano espacial como no funcional, que deixam os processos de acumulação do capital num estado de ´desorganização´ aparentemente irremediável". Do ponto de vista desses autores, pode-se compreender por "capitalismo organizado a administração e regulação consciente das economias nacionais por hierarquias empresariais e funcionários do governo" e estaríamos vivendo, portanto, a emergência do "capitalismo desorganizado" (ARRIGHI, 1996: p.2-3).

Para David Harvey, a ênfase deveria ser na coesão do capitalismo contemporâneo e não em sua desintegração. Para ele, o capitalismo estaria vivendo uma "transição histórica" do fordismo-keynesianismo para um regime de acumulação que ele denomina provisoriamente de "acumulação flexível" (ARRIGHI, 1996: p.3).

Se por um lado, havia certo conforto na dinâmica simples e previsível do regime fordista-keynesiano, com fortes bases em aspectos quantitativos; por outro, o fato de o regime passar a ser flexível assume dimensões assustadoras sem precedentes, à medida que as

engrenagens capitalistas ficam mais frouxas, vulneráveis, instáveis. Não obstante, as regras nesse novo regime poderiam ser facilmente "programadas" para favorecer os grupos econômicos mais fortes. Além do mais, agrava rapidamente o acirramento de disputas entre empresas e nações, estimulando práticas comerciais e estratégicas que se distanciavam largamente de valores éticos.

As dificuldades do regime anterior começaram a se evidenciar entre 1965 e 1973, provavelmente em função de seus traços de rigidez, que ajudaram a minar a acumulação de capital, ao engessar os investimentos de longo prazo e em larga escala nos sistemas de produção em massa, os mercados e contratos de trabalho regulamentados, os compromissos estatais etc (ARRIGHI, 1996: p.3).

Mesmo diante de tantos esforços dos governos norte-americano e britânico de manter o embalo do alto nível de crescimento econômico do pós-guerra, os sinais de rigidez só aumentaram, o crescimento real cessou, houve descontrole inflacionário e o sistema de taxas de câmbio fixas ruiu. Com isso, as nações ficaram submetidas à disciplina financeira, "seja pelos efeitos da fuga de capitais, seja por pressões institucionais diretas" (ARRIGHI, 1996: p.4).

De acordo com Harvey, apud Arrighi (1996, p.3), "sempre houve, é claro, um equilíbrio delicado entre os poderes financeiros e estatais no capitalismo, mas a desarticulação do fordismo-keynesianismo significou uma evidente guinada para um aumento de poder do capital financeiro frente ao Estado nacional". Essa guinada levou a uma "explosão de novos instrumentos e mercados financeiros, ligada à ascensão de sistemas muito sofisticados de coordenação financeira em escala global". Com isso, o desabrochamento e transformação do mercado financeiro são considerados por Harvey como a verdadeira novidade do capitalismo nas décadas de 1970 e 1980 e como o traço fundamental do regime emergente de "acumulação flexível" (ARRIGHI, 1996: p.4).

O remanejamento espacial dos processos de produção e acumulação, trazendo a reboque o "ressurgimento da produção artesanal e das redes empresariais pessoais/ familiares, e a disseminação de coordenações via mercado, em detrimento do planejamento empresarial e governamental, tudo isso, na opinião de Harvey, são diferentes faces da passagem para o novo regime de acumulação flexível" (ARRIGHI, 1996: p.4).

Torna-se evidente, portanto, o esgotamento daquele regime de capitalismo fordista-keynesiano. Se não fosse a possibilidade de tornar flexíveis os espaços para a produção, a contratação de mão-de-obra, esse grande sistema seria sucumbido pelo seu ímpeto de assumir custos gigantescos cada vez mais crescentes diante de uma demanda oscilante, por ocasião de

mudanças do uso e costumes da sociedade, do emprego de novos materiais, obsolescência, mudanças das condições climáticas etc.

Esta transformação foi precursora da terceirização de mão-de-obra e da horizontalização da produção, que de acordo com o SEBRAE1, consiste "na estratégia de comprar de terceiros o máximo possível dos itens que compõem o produto final ou os serviços de que necessita. É tão grande a preferência da empresa moderna por ela que, hoje em dia, um dos setores de maior expansão foi o de terceirização e parcerias".

Não se pretende neste trabalho averiguar quais as possíveis conseqüências dessa transformação na divisão mundial do trabalho, nem no âmbito das expectativas do padrão de consumo atual.

Retomando a questão da determinação de ciclos econômicos, embora haja indagações comuns a Harvey e a Arrighi, este se concentra numa investigação das tendências atuais à luz de padrões de repetição e evolução que abarcam todo o curso do capitalismo histórico como sistema mundial.

A definição de Fernand Braudel, adotada como ponto de partida da investigação de Arrighi, acerca das características essenciais do capitalismo histórico em sua longue durée já abrangia "flexibilidade" e o "ecletismo" do capital (ARRIGHI, 1996: p.6).

Em certos períodos, inclusive períodos longos, o capitalismo de fato pareceu "especializar-se", como no século XIX, quando se "deslocou tão espetacularmente para o novo mundo da indústria. Ao contrário do que muitos imaginaram na época, aquele não seria o desabrochamento final que teria conferido ao capitalismo sua "verdadeira" identidade. Essas idéias se aproximam da fórmula de Marx para o capital DMD', onde esse mecanismo conduziria para uma flexibilidade e liberdade de escolha ainda maiores num momento futuro. O aspecto central desse padrão é a alternância de épocas de expansão material com fases de renascimento e expansão financeiros, ou seja, juntas constituem um completo ciclo sistêmico de acumulação (ARRIGHI, 1996: p.6).

Nesta investigação, Arrighi tenta identificar padrões de recorrência e evolução, que se reproduzem na atual fase de expansão financeira e reestruturação sistêmica e, além disso, as anomalias da atual fase de expansão financeira, que podem levar a um rompimento com padrões anteriores de recorrência e evolução (ARRIGHI, 1996: p.6).

Arrighi identifica quatro ciclos sistêmicos de acumulação, cada qual caracterizado por uma unidade fundamental do agente e estrutura primários dos processos de acumulação do capital em escala mundial: um ciclo genovês, do século XV ao início do século XVII; um ciclo holandês, do fim do século XVI até decorrida a maior parte do século XVIII; um ciclo

britânico, da segunda parte do século XVIII até o início do século XX; e um ciclo norte-americano, iniciado no fim do século XIX que prossegue na atual fase de expansão financeira. Os ciclos sistêmicos consecutivos de acumulação se superpõem e, embora adquirissem uma duração progressivamente mais curta, todos duram mais de um século, daí surge a denominação "século longo", que será utilizada como unidade temporal básica na análise dos processos mundiais de acumulação de capital (ARRIGHI, 1996: p.6).

A idéia dos ciclos sistêmicos de acumulação deriva diretamente da idéia braudeliana do capitalismo como a camada superior "não-especializada" da hierarquia do mundo do comércio. Nessa camada superior é que se fazem os "lucros em larga escala".

Nela, os lucros não são grandes apenas porque a camada capitalista "monopolize" as atividades econômicas mais lucrativas; mais importante ainda é o fato de que a camada capitalista tem a flexibilidade necessária para deslocar continuamente seus investimentos das atividades econômicas que estejam enfrentando uma redução dos lucros para as que não se encontrem nessa situação segundo Braudel apud Arrighi (1996, p.8).

A noção de ciclos sistêmicos deduzido da observação histórica braudeliana das expansões financeiras reiteradas, é uma decorrência lógica dessa relação estritamente instrumental do capitalismo com o mundo do comércio e da produção, e vem enfatizá-la. É quando as expansões financeiras são tomadas como sintomáticas de uma situação em que o investimento da moeda na expansão do comércio e da produção não mais atende, com tanta eficiência quanto as negociações puramente financeiras, ao objetivo de aumentar o fluxo monetário que vai para a camada capitalista. Nessa situação, o capital investido no comércio e na produção tende a retornar a sua forma monetária e a se acumular mais diretamente, como na fórmula marxista abreviada (DD') (ARRIGHI, 1996: p.8).

Os ciclos sistêmicos de acumulação são, portanto, fenômenos intrinsecamente capitalistas, que destacam a alternância de fases de mudanças contínuas e fases de mudanças descontínuas. Assim, essa seqüência de ciclos sistêmicos parcialmente superpostos tem uma estreita semelhança formal com o "modelo de metamorfose" do desenvolvimento socioeconômico de Mensch. O modelo menschiano retrata fases de crescimento estável num rumo bem definido, alternando-se com fases de crise, reestruturação e turbulência, que acabaram recriando as condições do crescimento estável. Enquanto esse modelo remete primordialmente ao crescimento e às inovações em determinadas indústrias ou determinadas economias nacionais; o modelo de Arrighi o foco é na economia mundial capitalista como um todo, ao longo de sua existência (ARRIGHI, 1996: p.9).

Nas fases DM, de expansão material, consistem em fases de mudanças contínuas,

durante as quais a economia capitalista mundial cresce por uma única via de desenvolvimento. Já nas fases MD', de expansão financeira, consistem em fases de mudanças descontínuas, durante as quais o crescimento pela via estabelecida já atingiu ou está atingindo seus limites e a economia capitalista mundial "se desloca", através de reestruturações e reorganizações radicais, para outra via (ARRIGHI, 1996: p.9).

As expansões e reestruturações da economia capitalista mundial têm ocorrido, antes, sob a liderança de determinadas comunidades e blocos de agentes governamentais e empresariais, singularmente bem-posicionados para tirar proveito das conseqüências não pretendidas dos atos de outros agentes (ARRIGHI, 1996: p.10).

Toda essa construção apóia-se na visão braudeliana da existência de uma relação ligando a criação e a reprodução ampliada do capitalismo histórico, como sistema mundial, aos processos de formação dos Estados, de um lado, e de formação de mercados, de outro (ARRIGHI, 1996: p.10).

A questão que concerne diretamente a investigação de Arrighi é saber quando e como o capitalismo ergueu-se acima das estruturas da economia mundial de mercado preexistente e, com o correr do tempo, adquiriu seu poder de moldar de maneira nova os mercados e as vidas do mundo inteiro. É necessário elucidar a transição do poder capitalista disperso para um poder concentrado. E o aspecto mais singular dessa transição é a fusão singular do Estado com o capital, que em parte alguma se realizou de maneira mais favorável ao capitalismo do que na Europa (ARRIGHI: 1996, p.11).

O resultado desse processo deu na competição interestatal pelo capital circulante. Max Weber já dizia que tanto na Antiguidade como no fim da Idade Média as cidades européias eram as sementeiras do "capitalismo político" (ARRIGHI: 1996, p.12).

Análise de Arrighi irá reforçar essas observações, mostrando que a concorrência interestatal foi um componente crucial de toda e qualquer fase de expansão financeira, bem como um fator de vulto na formação dos blocos de organizações governamentais e empresariais que conduziram a economia capitalista mundial por suas sucessivas fases de expansão material (ARRIGHI: 1996, p.12).

O que impulsionou a prodigiosa expansão da economia mundial capitalista nos últimos quinhentos anos não era a concorrência entre estados, mas essa concorrência aliada a uma concentração cada vez maior do poder capitalista no sistema mundial como um todo (ARRIGHI: 1996, p.12).

A idéia de uma concentração cada vez maior do poder capitalista no moderno sistema mundial está implícita num padrão assinalado por Karl Marx em O Capital. Ao estudar o

impulso que esteve na origem da expansão do capitalismo moderno, Marx, assim como weber, atribuiu grande importância ao papel desempenhado pelo sistema de endividamento nacional, do qual Gênova e Veneza foram pioneiras no fim da Idade Média (ARRIGHI: 1996, p.13).

Para Marx, a alienação dos ativos e das receitas futuras das nações foi apenas um aspecto da "acumulação primitiva" – a "acumulação prévia" de Adam Smith, "uma acumulação que não resulta do modo de produção capitalista, mas é seu ponto de partida (MARX)". (ARRIGHI: 1996, p. 13).

Marx reconheceu a importância permanente das dívidas nacionais, não como a expressão da competição interestatal, mas como um meio de cooperação intercapitalista "invisível", que "iniciou" repetidas vezes a acumulação de capital no espaço-tempo da economia mundial capitalista, desde seu início até os dias do próprio Marx (ARRIGHI: 1996, p. 13).

Os domínios metropolitanos de cada Estado citado nessa seqüência abarcaram um território mais vasto e uma maior variedade de recursos que os de seu predecessor. E, o que é mais importante, à medida que a seqüência progrediu, aumentaram a escala e o alcance das redes de poder e acumulação que permitiram aos Estados em questão reorganizar-se e controlar o sistema mundial em que operavam (ARRIGHI: 1996, p. 13).

Assim, vê-se que a expansão do poder capitalista nos últimos quinhentos anos esteve associada não apenas à competição interestatal pelo capital circulante, como enfatizou Weber apud Arrighi, mas também à formação de estruturas políticas dotadas de capacidade organizacionais cada vez mais amplas e complexas para controlar o meio social e político em que se realizava a acumulação de capital em escala mundial (ARRIGHI: 1996, p. 13).

Nos últimos quinhentos anos, essas duas condições fundamentais da expansão capitalista foram continuamente recriadas em paralelo. Todas as vezes que os processos de acumulação de capital em escala mundial, tal como instituídos numa dada época, atingiram seus limites, seguiram-se longos períodos de luta interestatal, durante os quais o Estado que controlava ou passou a controlar as fontes abundantes de excedentes de capital tendeu também a adquirir a capacidade organizacional necessária para promover, organizar e regular uma nova fase de expansão capitalista, de escala e a alcance maiores do que a anterior. (ARRIGHI: 1996, p. 13).

Invertendo a observação de Marx, na qual os centros em declínio tentavam apropriar-se de uma parte dos enormes excedentes acumulados nos novos centros, em ascensão, enviando capital para estes, os Estados Unidos não estão seguindo este padrão de outros

impérios exportadores de capital Veneza, Holanda e Grã-Bretanha, mas estão atraindo uma nova onda de investimentos do exterior (ARRIGHI: 1996, p. 14).

O poder interestatal consiste primordialmente nas dimensões relativas, na auto-suficiência e nas forçar militares. A competição pelo capital circulante entre estruturas políticas de grande porte tem sido o fator mais essencial e duradouro na ascensão e expansão do poder capitalista na era moderna. Os efeitos dessa competição sobre o poder das nações concorrentes e sobre o poder das organizações estatais e não-estatais que é vital para se compreender as relações de força do sistema mundial (ARRIGHI: 1996, p. 16).

A noção de ciclo sistêmico de acumulação deriva diretamente da idéia braudeliana do capitalismo como a acamada superior da hierarquia do mundo dos negócios. O constructo analítico de Arrigui concentra-se nessa camada superior e fornece uma visão limitada do que se passa na camada intermediária, a economia de mercado, e na camada inferior, a da vida material. Enquanto a camada superior é o "verdadeiro lar do capitalismo" e, ao mesmo tempo, é menos transparente e menos explorada do que a camada intermediária, a da economia de mercado. A transparência das atividades que constituem a camada da economia de mercado e a profusão de dados gerados por essas atividades fizeram dessa camada intermediária a "arena privilegiada" da sociologia histórica e da economia. As camadas abaixo e acima da economia de mercado, ao contrário, são as "zonas de opacidade". A camada inferior, a da vida material, é difícil de visualizar, por falta de documentos históricos adequados. A camada superior, em contraste, é difícil visualizar por causa da efetiva invisibilidade ou da complexidade das atividades que a constituem. (ARRIGHI: 1996, p.25).

Os ciclos sistêmicos de acumulação pretendem lançar alguma luz sobre essa zona de sombras, sem a qual "o capitalismo é impensável" (ARRIGHI: 1996, p.25).

Braudel sugere deixarmos por um tempo a esfera ruidosa e transparente da economia de mercado e a acompanhar o dono o do dinheiro até outro domicílio oculto, onde só se é admitido a negócios, mas que fica um andar acima, e não um andar abaixo do mercado. Ali, o dono do dinheiro encontra-se com o dono, não da força de trabalho, mas do poder político. Para Braudel, então, desvendaremos o segredo da obtenção dos grandes e sistemáticos lucros que permitiram ao capitalismo prosperar e se expandir "indefinidamente" nos últimos quinhentos ou seiscentos anos, antes e depois de suas incursões nos domicílios ocultos da produção (ARRIGHI: 1996, p.25).

Poucos se aventuram pelo andar superior do "antimercado", onde nas palavras de Braudel, "circulam os grandes predadores e vigora a lei da selva" e onde se afirma que estejam guardados os segredos do longue durée do capitalismo histórico (ARRIGHI: 1996,

p.25).

2.3 O sistema mundial moderno por Immanuel Wallerstein

Para Immanuel Wallerstein, o capitalismo não sobreviverá após 2050; até lá a sociedade passará por um período de muita incerteza, desordem e, principalmente, mudança.

O motivo disso seriam os próprios limites impostos à acumulação de capital, bem como o colapso da sua sustentação política. De acordo com o autor, a sustentação política do capitalismo tem sido proporcionada pelo liberalismo.

Sendo que a sustentação política mais importante é a legitimação do Estado, que passa pela promessa dos movimentos anti-sistêmicos de que o Estado seria uma ferramenta adequada para transformar o mundo, torná-lo mais justo e igualitário.

Mas como essa configuração não prevalece, as bases econômicas do sistema se voltam incessantemente à acumulação de capital. O que acaba lesando ao próprio sistema. Primeiramente, por que o nível mundial de salários vem sendo pressionados na tendência ascendente muito em função do aumento da população urbana do mundo. Depois, o preço da matéria-prima vem subindo por causa do fim da possibilidade de externalização barata dos custos, essa é a crise ecológica; e, por fim, o preço da arrecadação de impostos vem subindo mundialmente, a porcentagem de dinheiro recolhido que é destinada ao Estado, em função da "democratização do mundo", termo cunhado pelo autor, à medida que a população pressiona o Estado para que este lhe propicie saúde, educação e renda perpétua.

Esses três fatores, em escala mundial, pressionam as margens de lucro intensivamente. Por um lado, do ponto de vista dos capitalistas, vale cada vez menos fazer parte do sistema e, por outro lado, é cada vez mais difícil de manter legitimidade política. Ao passo que o sistema entra em colapso, a ordem social também se desmorona, nacional e internacionalmente. Criando condições para que haja uma série de guerras cruéis e inconcludentes, mas também tumultos sociais internos.

2.4 O sistema mundial em expansão por José Luis Fiori

Fiori parte da hipótese central sobre o movimento de longo prazo do "sistema interestatal capitalista", de modo a abranger sua formação na Europa, desde o século XIII até os dias de hoje.

Para tanto, o autor recorre a quatro momentos crucias, onde teria havido o que denomina de "explosão expansiva" no sistema. Primeiramente ocorre o aumento da "pressão competitiva" neste "universo", em decorrência do expansionismo de potências lideres; em seguida a "explosão" que provoca o "alargamento das suas fronteiras internas e externas", projetando o poder dessas potências para além de outras fronteiras.

A primeira vez essa que esse fenômeno ocorreu na história foi no “longo século XIII” (1150-1350), com o aumento da “pressão competitiva” na Europa, foi motivada pelas invasões mongóis, expansionismo das Cruzadas, guerras internas na península ibérica, no norte da França e na Itália.

A segunda grande “explosão” foi no “longo século XVI” (1450-1650), motivada pelo aumento da “pressão competitiva” causada pelas invasões do Império Otomano e do Império Habsburgo, além das guerras entre a Espanha e a França, e dos Países Baixos com a Inglaterra.

Nesse momento surgem os primeiros Estados europeus, tendo suas respectivas economias formadas e aumento significativo do poderio bélico. Foi o movimento de expansões desses estados que deu origem ao “sistema mundial moderno”.

A terceira vez foi no “longo século XIX” (1790-1914). A “pressão competitiva” oriunda do expansionismo frances e inglês, tanto na Europa, quanto além, pela formação dos Estados Unidos, Alemanha e Japão, que cresceram celeremente, revolucionando a economia capitalista e, além do mais, o próprio núcleo central das grandes potências. A terceira “explosão expansiva” assumiu as características de uma corrida imperialista entre as potências, trazendo a África e a Ásia para esse emaranhado que é o “sistema mundial moderno”.

Finalmente, a quarta “explosão expansiva” iniciou a partir da década de 1970 e ainda está em curso. A “pressão competitiva” está sendo provocada pelo forte apelo expansionista e imperialista dos Estados Unidos, pela multiplicação dos estados soberanos que já somam quase 200 e, ainda, pelo expressivo aumento do poderio e da riqueza dos estados asiáticos e da China.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das três linhas teóricas apresentadas, a que se apresenta mais polêmica e radical, é a do autor Immanuel Wallerstein, que considera a crise da hegemonia americana, iniciada na década de 1970, sendo a crise terminal do sistema mundial moderno. Para o autor, emergirá uma nova “ordem internacional”, até os meados do século XXI, cujo modelo de funcionamento é imprevisível hoje. Conforme debatido intensamente em sala de aula e lido no material recomendado, esse argumento peca por considerar uma crise necessariamente como um momento terminal, sendo que os Estados Unidos ilustram diversos imbróglios internacionais, nos quais aparentemente haviam sofrido derrotas, mas, no entanto, nesses momentos mais difíceis foram criadas condições para que em seguida os Estados Unidos

fortalecessem ainda mais seu poderio econômico, financeiro e político.

Dentre os diversos pontos da obra de Arrighi que divergem da teoria do Fiori, principalmente, destaca-se a consideração desse momento como o fim do ciclo americano e iminência da China ou "arquipélago asiático" como seus sucessores potências da hegemonia americana.

O posicionamento de Fiori sobre o "mito do colapso americano" é a de que os fracassos político-militares norte-americanos do início do século XXI, e a atual crise econômica mundial não configuram o fim do "regime de produção capitalista", nem a ascensão da China na hegemonia mundial que deverá, por enquanto, permanecer dos Estados Unidos. Entendemos juntamente com Fiori que está em curso uma transformação profunda no sistema mundial, que poderá intensificar cada vez mais a luta pelo poder entre as grandes potências.

REFERÊNCIAS

ARRIGHI, G., O LONGO SÉCULO XX. Contraponto/UNESP: Rio de Janeiro, 1994.

ARRIGHI, G.; SILVER, E. J. CAOS E GOVERNABILIDADE: NO MODERNO SISTEMA MUNDIAL. Editora UFRJ, 2001.

FIORI, J. L., "Formação, expansão e limites do poder global", in J. L. FIORI (ORG), O PODER AMERICANO. Editora Vozes: Petrópolis, 2004.

_____. "Prefácio", in J.L. FIORI, "O PODER GLOBAL E A NOVA GEOPOLÍTICA DAS NAÇÕES. Editora Boitempo: São Paulo, 2007.

_____. "O sistema inter-estatal capitalista, no início do século XXI", in J.L. FIORI., F. SERRANO E C. MEDEIROS, O MITO DO COLAPSO AMERICANO. Editora Record: Rio de Janeiro, 2008.

WALLERSTEIN, I. THE MODERN WORLD-SYSTEM. Academic Press: New York, 1974.